

Campello evita dar a largada

“A sucessão é um jogo de xadrez, e eu não vou mexer a primeira pedra”. Quem diz é Valmir Campello, a peça de posição mais cômoda no tabuleiro. Senador por Brasília, com 300 mil votos, ele está na mesma situação de Maurício Corrêa em 1990: é o único político que pode concorrer sem o risco de perder o mandato, pois ainda tem quatro anos no Senado. Se quiser, Valmir poderá entrar na disputa até mesmo sem o apoio do governador Joaquim Roriz.

Ele explica que quer chegar ao poder, “assim como um jogador do Flamengo ou do Vasco quer jogar na Seleção Brasileira”, mas não está interessado em declarar-se candidato agora, ou em desistir do Palácio do Buriti. Muito pelo contrário. “Não sou candidato no momento, e não pretendo ficar fora do jogo”, ressalta, dizendo que, apesar de sua posição cômoda, tem humildade para não se precipitar.

Valmir foi administrador das satélites de Brazlândia, Gama e Taguatinga, e detém até hoje o recorde de deputado federal mais votado de Brasília, com o apoio de 47 mil eleitores em 1986. “Quem mexe a primeira pedra faz o jogo errado. As alianças têm que ser bem pensadas. Depois das coligações, quem estiver melhor nas pesquisas é o candidato”, define.

A secretária de Educação Eu-

rides Brito afirma que o seu projeto pessoal é a Câmara dos Deputados, mas não se exclui da luta pelo Buriti. “Farei o que for a determinação do partido. Muitas águas ainda vão rolar, e o certo é que o PP terá o candidato majoritário”, analisa. Ela salienta ser uma “educadora na política, e não uma política na educação”, e acrescenta que gostaria de brigar no Congresso por mais recursos para este setor. “Não tenho vaidades, não quero fazer da carreira política uma escada”.

Prancheta — O secretário de Obras José Roberto Arruda está fora da corrida sucessória. O seu assessor de imprensa, Omézio Pontes, informa que o projeto de Arruda é “voltar à prancheta de engenheiro da CEB, profissão que tem há 19 anos”. Segundo Omézio, ele sairá com a consciência tranquila, e particularmente orgulhoso por ter realizado mais de duas mil obras em Brasília, principalmente o Metrô, a urbanização dos assentamentos, os canteiros de flores em todo o DF — feitos por meninos de rua e deficientes físicos — a despoluição do Lago Paranoá e o fim da lagoa de oxidação do Guará.